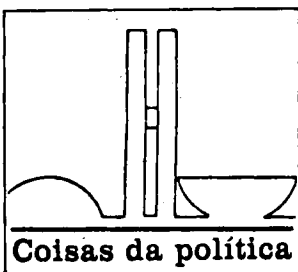


Faz-de-conta *Sucesso*

CONTAS de chegar é o que fazem, como dever de casa, os dois candidatos em campanha escolar para a sucessão presidencial no Colégio Eleitoral. Fazem e refazem as contas, mas só chegarão mesmo ao resultado definitivo no dia 15 de janeiro.



Coisas da política

Entende-se por **conta de chegar**, pelo menos em Minas, a operação feita para chegar a um resultado que já estava determinado. É uma aritmética de contra-mão. Fazem e refazem os calculistas de Tancredo Neves e Paulo Maluf a contagem, porque, em aritmética eleitoral, nem sempre dois mais dois se contentam em contribuir com apenas quatro votos. Podem valer o dobro, conforme o caso. Toda a questão se resume a que a eleição indireta será às claras, mas, até o momento de ser declarado pelo eleitor, o voto pode se manter secreto.

As quatro operações convencionais ajudam nos cálculos, mas não resolvem o problema dos candidatos. Ao voto que não se contenta em valer apenas um é facultado duplicar seu peso se, além de subtraído à coluna de um candidato, somar-se à parcela do concorrente. Nada impedirá Paulo Maluf de conseguir com jeito que alguns eleitores opositoristas falem ao Colégio no dia da eleição.

Trata-se de uma operação de subtração. Muito dificilmente, no entanto, o voto de gazeta sairá da coluna de Tancredo para aparecer na correspondente a Paulo Maluf. É pouco provável: problemas de constrangimento inibem o aluno matriculado na Oposição de aparecer airoso na classe de Maluf. A não ser que, por mau aluno, esteja certo da reprovação nas eleições de 86. Nesse caso, perdido por falta de aplicação, que o seja também por mau comportamento. De modo geral, no entanto, alunos opositoristas sempre são mais bem preparados que os da classe governista para as próximas eleições.

Na outra classe, da mesma série, estarão no Colégio Eleitoral como votantes os também candidatos do PDS à reeleição nas realmente próximas eleições: são deputados e senadores, carregados de dívidas políticas altas, com vencimento improrrogável a 15 de novembro de 86. Há também o serviço da dívida, que é o custo da impopularidade de ser governista numa inflação incorrigível. Serão, ainda por cima, os candidatos à reeleição obrigados a pagar nas urnas o débito político do Governo, empurrado com a barriga durante 20 anos de eleição indireta.

Os mais expeditos dentre os eleitores do PDS já perceberam, por instinto liberal, que, se aparecerem com destaque na coluna de Tancredo Neves, valerão em dobro. Com a diferença amortizam o principal da dívida política e limpam, na hora de votar, a ficha de colaboracionistas históricos. Resistir, quem há-de, à tentação de calcular objetivamente os **prós** e os **contras**? Tão fácil: é só subtrair um voto de Paulo Maluf e confiá-lo a Tancredo Neves, na construção do alicerce de uma democracia para o Presidente Figueiredo não botar defeito. Saberá por certo o eleitorado retribuir à confiança, renovando em 86 o mandato daquele que,

em voz alta e clara, se fizer ouvir em 85 escandindo bem as sílabas: "Voto em Tan-cre-do-de-Almei-da-Neves."

Há prazo suficiente, até o dia da eleição, para fazer e conferir os cálculos pessoais à margem das contas dos candidatos. Os votos são os mesmos, e os candidatos também. Variam só as circunstâncias. A questão toda é saber empilhar os votos. O fato no entanto é que a contagem final, só no dia 15 de janeiro. Até lá, os candidatos precisarão refazer diariamente as contas de chegar, enquanto se entregam a uma guerra de declarações para evitar a declaração de guerra.

Antes de ser eleitoral, convenhamos todos, a questão é política. E não começou precisamente na campanha, que foi longe demais, mas já voltou. Antes de haver candidaturas, já existia uma incompatibilidade política de 20 anos à espera de uma eleição. Faltavam apenas candidatos e a oportunidade. Não dependia de qualquer dos dois — Tancredo ou Maluf — a animosidade contida.

É fora de dúvida que, entre o céu dos brigadeiros e a terra de ninguém, há muito mais gente do que parece querendo Paulo Maluf para Presidente. O problema continua, porém, a ser muito mais o de parecer do que o de ser. Já em relação a Tancredo Neves, é o oposto: há bem mais gente preferindo parecer a ser realmente opositorista. Num e noutro caso, não são votos.

Acima de qualquer dúvida, embora abaixo da coragem de proclamar a preferência, há malufistas por toda parte. Uma das mais cuidadosas formas — e por isso preferida das pessoas gradas — é camuflar a simpatia por Maluf, com a ressalva de que Tancredo é realmente o melhor candidato, mas infelizmente não vencerá no Colégio. A dúvida sistemática esconde-se atrás da cortina, mas deixa de fora os pés, como nos romances de mistério. Quanto mais tímido, por sinal, o malufista (torna-se fácil reconhecê-lo), mais exigente se mostra na cobrança alheia. Por ele os eleitores do PDS, a bem da clareza, deveriam antecipar um voto de que ainda pode esperar três meses e meio para valer o dobro.

A campanha eleitoral não passa de uma cont corrente, aberta em nome dos dois candidatos, para ser movimentada até o dia das eleições, com lançamentos diários de entrada e saída de votos. São votos de contagotas, para que os candidatos possam suportar as emoções. Sendo Tancredo Neves o que, no melhor português, se denominava "homem de boas contas" para significar honrado, a classe média se fia nos seus cálculos, mas, por via das dúvidas, vigia os seus eleitores.

Já a candidatura Maluf, para essa classe média urbana e salarialmente comprimida, tem a escrituração eleitoral perdulária que, em Portugal, se diz ou se dizia — "contas de saco". Não é por outra razão que a classe média "anda às contas" com a candidatura Maluf: não a deixa quieta. Figueiredo andou antes "por conta" com a candidatura Maluf. Figueiredo agora tem o candidato em boa conta. E faz de conta que o estima eleitoralmente para atender à ética partidária, que mantém Maluf a alguma distância e é bonita até nas derrotas.